



FORMAÇÃO TALIESINIANA · APOSTILA 16



AS CHAVES DA PRÁTICA MÁGICA

Correspondências e Mecânica da Magia

Das relações simbólicas à manifestação

Sérgio Lourenço



CERRIDWEN · AWEN · HERNE





O Setenário Magístico

O conjunto dos sete astros estudado na etapa anterior organiza uma linguagem de atributos. Sol, Lua, Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno participam de uma rede de correspondências que aproxima potências divinas, qualidades da vida e elementos da natureza. No vocabulário ocultista, essa organização recebe o nome de Setenário Magístico.

O percurso histórico adotado pelo autor relaciona a atividade dos magos-sacerdotes persas ao desenvolvimento da astrologia. A observação de estrelas e constelações oferecia referências para antecipar acontecimentos ligados ao plantio, à colheita e à ordem social dos reis-sacerdotes.

Na mesma apresentação, a mudança para sistemas mais monoteístas restringiu esse conhecimento ao campo dos magos e místicos. A linguagem de congruência permaneceu como um saber utilizado por quem conhecia suas relações. Compreender essa herança permite reconhecer o sentido dos conceitos empregados na feitiçaria.

A relação entre os sete astros e os dias da semana conserva uma expressão desse sistema. O quadro reúne as associações apresentadas pela Tradição, sem acrescentar outras correspondências planetárias.

Dia da semana	Astro
Domingo	Sol
Segunda-feira	Lua
Terça-feira	Marte
Quarta-feira	Mercúrio
Quinta-feira	Júpiter
Sexta-feira	Vênus
Sábado	Saturno





Os Quatro Elementos

Terra, Ar, Fogo e Água oferecem outra linguagem para reconhecer a organização e as características da vida. Na exposição desta formação, o filósofo grego Empédocles, do século V a.C., aparece como referência para a compreensão das causas e das essências por meio dos Quatro Elementos.

Aristóteles (384-322 a.C.) retoma e desenvolve essa ideia. A herança elemental passa a integrar os sistemas simbólicos que sustentam a magia ocidental e a Wicca. Sua presença participa tanto do estudo das correspondências quanto da execução ritual.

Os elementos permitem compreender qualidades e relacioná-las ao trabalho mágico. O que se aprende sobre eles se articula com o emprego da água, do sal, do incenso e do fogo, com os Quadrantes e com as ferramentas da Arte já apresentados nesta sequência de treinamento.

O sistema elemental e o planetário oferecem campos de relação. Cada um organiza símbolos e atributos segundo seu próprio repertório, e ambos participam da linguagem com que o praticante formula e executa operações mágicas.

Reconhecer a origem dessas ideias ajuda a compreender seu emprego. A aprendizagem não se limita a repetir nomes: envolve perceber como uma organização simbólica dá sentido aos materiais, às imagens e aos gestos escolhidos para um propósito.

Essa base permite continuar o trabalho de assimilação. Os Quatro Elementos se tornam parte de uma linguagem vivida quando o estudo encontra a prática e quando o praticante reconhece sua função no conjunto do ritual.





O encontro entre os sistemas

As correspondências não ficaram presas ao tempo de sua elaboração. Mudanças sociais, invasões e encontros entre culturas favoreceram a circulação e a combinação de diferentes saberes. A linguagem mágica apresentada nesta formação é compreendida como resultado dessas aproximações.

O percurso autoral relaciona o sistema dos persas ao repertório elemental dos gregos e ao encontro com saberes egípcios e celtas. Os celtas são reconhecidos em sua diversidade: não formavam um povo único em crenças, práticas e costumes.

Nos grimórios medievais, essa combinação aparece como um sistema mesclado e complexo. O repertório de correspondências conserva relações provenientes de contextos distintos, que passam a compartilhar um campo de uso mágico.

Esse conjunto influencia as escolas de renovação da magia ocidental na Europa, entre elas a Golden Dawn, a Rosa-Cruz e a Teosofia. O arsenal simbólico retomado por wiccanianos e magistas contemporâneos participa dessa herança.

Compreender esse encontro permite reconhecer a pluralidade do repertório. Uma tabela, um instrumento ou uma invocação pode reunir referências que se desenvolveram em tempos e lugares diferentes. O estudo de seus sentidos favorece um uso consciente.

A transmissão conserva e transforma. Os símbolos continuam disponíveis para novas experiências, mas sua assimilação pede atenção ao campo de relações em que fazem sentido. A história apresentada pelo autor oferece um enquadramento para essa aprendizagem.





Como compreender as tabelas

As tabelas de correspondências organizam símbolos que se relacionam a um conceito. Elas ajudam a reconhecer aproximações e oferecem referências para elaborar um feitiço. O conhecimento dessas relações favorece o despertar do poder pessoal por meio de operações construídas com consciência.

A pessoa iniciante precisa conhecer os pressupostos dessa linguagem. O praticante experiente pode ampliá-la à medida que assimila seus sentidos. O aprofundamento permite construir os próprios feitiços, preservando a relação entre intenção, símbolo e experiência.

Grimórios, Livros das Sombras e tradições da Arte podem apresentar tabelas diferentes. Essa diversidade faz parte do repertório mágico. Uma correspondência pertence ao sistema em que é apresentada, e sua compreensão depende do conceito que organiza a associação.

A tabela é uma forma de reunir relações, mas a lista não substitui a experiência do símbolo. Conhecer um nome e seu atributo oferece uma referência; assimilar essa relação permite utilizá-la com congruência no trabalho pretendido.

O quadro da página 2 conserva as associações entre astros e dias da semana indicadas pelo autor. Ele funciona como instrumento de consulta dentro do conjunto estudado. As demais relações precisam ser compreendidas em seu próprio contexto antes de serem incorporadas à prática.

O estudo das correspondências continua o trabalho de criatividade iniciado na Apostila 15. O propósito encontra formas de expressão, e o praticante reconhece por que os elementos escolhidos podem participar da mesma intenção.





Das chaves ao uso consciente

Os símbolos são chaves, mas seu conhecimento precisa encontrar uma maneira de operar. O feitiço é um veículo pelo qual a intenção, compreendida como energia, pode ser canalizada e lançada no campo da ação. Sua construção exige envolvimento e capacidade de direcionamento.

Concentração, visualização, envio e recebimento de energias participam dessa aprendizagem. Na compreensão mágico-religiosa da Tradição, essas técnicas permitem trabalhar com as energias presentes na natureza. O treinamento desenvolve a capacidade de reconhecer e conduzir esse processo.

A concentração sustenta a presença no propósito. A visualização participa da forma que o pensamento procura assumir. O envio e o recebimento de energias integram a dinâmica pela qual o praticante se relaciona com o trabalho realizado. Esses aspectos retomam capacidades já cultivadas ao longo da formação.

As divindades também emprestam seus atributos à feitiçaria wiccana. Antes de invocar uma faceta da Deusa, do Deus ou uma divindade de outro panteão, é necessário conhecer minimamente seu caráter. A relação devocional e o sentido do chamado participam da congruência da operação.

O emprego de materiais precisa se articular com essas capacidades. Reunir ingredientes e aguardar um resultado não esgota o ato mágico. A intenção ganha direção quando o agente compreende a linguagem empregada e participa da energia que procura mobilizar.

Esta etapa preserva a orientação de aprender essas técnicas. Não apresenta uma nova fórmula de exercício ou uma receita de feitiço. Os Exercícios 1-7 permanecem como parte do treinamento já oferecido, com sua numeração e suas instruções.





O templo e as ferramentas da Arte

O Círculo Mágico pode ser aberto para a realização de um feitiço. A Tradição aconselha esse espaço como corpo ritual do trabalho, reconhecendo nele um instrumento de poder e sabedoria. Seu uso participa da relação entre o praticante, os Deuses e as forças que são convocadas.

Na compreensão religiosa aqui estudada, o emprego adequado do Círculo permite acessar energias que auxiliam a vida. O templo organiza a operação e oferece uma forma para o encontro entre intenção, invocação e manifestação.

Os instrumentos da Arte também possuem riqueza simbólica. Sua presença auxilia a execução do feitiço porque cada ferramenta participa de um campo de significados. A função ritual e a assimilação interior se encontram no gesto realizado.

A recomendação de trabalhar no Círculo não torna sua abertura necessária para todo ato mágico. A fonte preserva essa distinção: o templo é aconselhado e pode ser aberto com essa finalidade, mas a prática da magia não se limita às operações realizadas dentro dele.

Quando o trabalho utilizar o Círculo Taliesiniano, mantenha a sequência e as fórmulas apresentadas na Apostila 10. O feitiço se integra ao corpo do rito sem substituir sua preparação, suas invocações ou seu encerramento.

O estudo dos instrumentos e do templo oferece uma base já conhecida. Agora essa base se articula com as correspondências e com a capacidade de canalizar o intento, aprofundando a compreensão da prática em vez de acrescentar uma nova sequência numerada.





A consciência e a operação mágica

A magia procura influenciar acontecimentos exteriores e trabalhar transformações interiores em direção a um resultado desejado. Essas duas possibilidades participam de uma mesma concepção de prática: a consciência se envolve na mudança e se desenvolve por meio do treinamento.

Na lógica dos mundos dimensionais adotada pela Tradição, a operação exige aprender a manipular energia. Energias etéricas, astrais, mentais e espirituais integram esse modelo. A consciência é apresentada como a capacidade que permite fazer a magia acontecer.

Essa aprendizagem dá continuidade à relação entre Lua e Terra. O que se elabora no interior procura uma forma, e o que se manifesta retorna à experiência do praticante. A operação ritual participa da comunicação entre essas dimensões.

Os planos oferecem uma linguagem para compreender essa passagem. Uma intenção não surge apenas como objeto acabado: ela atravessa a concepção, a imagem, a formação e a substância. O trabalho mágico é apresentado como uma arte de criação.

Raven Grimassi, nas passagens de *Os Mistérios Wiccanos* retomadas pelo autor, descreve essa mecânica por meio da criação de uma estante para apoiar papéis durante um discurso. O exemplo permite acompanhar a passagem do pensamento à realização.

As páginas seguintes reorganizam essa explicação como estudo, preservando os estágios, o papel da emoção e a função da comunicação ritual. O modelo pertence à compreensão espiritual da magia apresentada nesta formação.





Da centelha à substância

Antes de construir a estante imaginada no exemplo de Grimassi, é preciso formular o pensamento. A criação atravessa estágios representados pelos planos. A concepção encontra uma imagem, a imagem recebe forma e essa forma pode ganhar substância.

O plano divino recebe a centelha do plano máximo. O espiritual concebe o projeto, e o mental produz a visualização. O astral dá forma ao pensamento no plano etéreo. O plano das forças conduz o pensamento formado; o físico lhe oferece substância.

O quadro organiza esses termos para consulta. A relação entre astral e etéreo é mantida conforme a explicação retomada na fonte: a formação astral acontece no plano etéreo. A centelha recebida do plano máximo inicia o percurso apresentado.

Plano	Participação no exemplo
Divino	Recebe a centelha do plano máximo.
Espiritual	Concebe o projeto.
Mental	Produz a visualização.
Astral	Dá forma ao pensamento no plano etéreo.
Etéreo	Plano em que essa forma é estabelecida.
Das forças	Porta o pensamento formado.
Físico	Dá substância à criação.





Criação e substância astral

A arte da magia utiliza a substância astral como material de criação. Na explicação retomada de Grimassi, o poder de criar por meio do pensamento reside no interior do praticante e se relaciona à centelha divina. A operação segue a fórmula dos planos.

A emoção participa desse processo. Sua força se articula com a precisão do pensamento e, conseqüentemente, com a resposta astral correspondente. A intenção envolve mais do que uma afirmação verbal: pensamento e emoção participam da forma construída.

Para produzir uma mudança no plano físico por meio da magia, a transformação precisa ocorrer primeiro no mundo astral. A realização é compreendida como passagem entre planos, em que a construção interior precede a manifestação material.

O exemplo da estante torna essa relação visível. O objeto começa como propósito, torna-se projeto e imagem, recebe forma e alcança a substância. Na leitura mágica, a mesma lógica orienta o trabalho com a intenção ritual.

O treinamento procura tornar o praticante capaz de participar dessa criação. A aprendizagem dos símbolos oferece linguagem; a concentração e a visualização sustentam o pensamento; a emoção integra a intensidade da forma que se deseja estabelecer.

O poder pessoal se desenvolve nesse conjunto. A consciência aprende a organizar e direcionar o que mobiliza, reunindo propósito, percepção e expressão. A correspondência entre os planos oferece um modelo para compreender o percurso da operação.





A comunicação do ritual

O ritual mágico gera e direciona energia que contém uma forma-pensamento ao plano astral. Símbolos, gestos, cores e acessórios funcionam como meios de comunicação. Eles também favorecem o estado mental necessário à participação no trabalho.

As imagens mágicas são enviadas ao subconsciente por meio dessa linguagem. Cada participante contribui com sua própria vibração ou energia, produzindo ondas de fluxo. A experiência individual integra o campo que a operação procura mobilizar.

As formas-pensamento surgem da dimensão astral e se tornam canais para forças superiores dos outros planos. O ritual as energiza; os canais são abertos, os semelhantes se associam e os poderes se fortalecem. Essa é a dinâmica descrita nas passagens de Grimassi retomadas pela formação.

O movimento depende da natureza do trabalho. A energia gerada pode subir ao plano astral. Em rituais de invocação de divindades, a energia divina pode ser atraída ao plano físico. O rito participa tanto da projeção quanto do acolhimento dessas potências.

Compreender os planos dimensionais é, nessa perspectiva, parte essencial do aprofundamento mágico. O conhecimento permite relacionar os materiais e os gestos ao processo que procuram expressar, reconhecendo a função da consciência na operação.

A sequência desta apostila reúne correspondência, técnica, templo e criação. O percurso retorna à mesma relação: a intenção precisa ser compreendida, ganhar uma forma congruente e encontrar participação consciente. A prática amadurece quando esses aspectos se desenvolvem juntos.





Referências e continuidade

Base desta formação

LOURENÇO, Sérgio. *O Caldeirão & a Espada: O Caminho Taliesiniano de Wicca*. Manuscrito fornecido pelo autor. Lição “Algumas lições sobre Feitiços”: Setenário Magístico, Quatro Elementos, encontro entre sistemas, tabelas de correspondências, técnicas, Círculo Mágico e seção “Como a magia funciona?”.

Referência para a mecânica dos planos

GRIMASSI, Raven. *Os Mistérios Wiccanos*. 2002, p. 132-133, conforme citado pelo material autoral. As três passagens sobre criação, substância astral e comunicação ritual foram reescritas nas páginas 8-11, preservando o exemplo da estante, os estágios e os conceitos apresentados. A explicação e o quadro distinguem a formação astral do plano etéreo em que ela acontece.

Tratamento das correspondências

O quadro dos dias da semana conserva as sete associações da fonte. O quadro dos planos reorganiza a explicação do exemplo. As correspondências, as energias e os planos são apresentados no âmbito mágico-religioso da Tradição. O percurso histórico segue o enquadramento do autor, sem acrescentar novas tabelas planetárias ou elementais.

Consulta e treinamento

Setenário e dias: página 2. Quatro Elementos e encontro entre sistemas: páginas 3-4. Uso das tabelas: página 5. Técnicas e divindades: página 6. Círculo e ferramentas: página 7. Mecânica da magia: páginas 8-11. Para abrir e encerrar o Círculo Taliesiniano, consulte a Apostila 10, páginas 2-5.

A passagem estudada não acrescenta exercícios numerados ou fórmulas práticas de feitiços. A sequência dos Exercícios 1-7 permanece preservada.

Próxima etapa

Apostila 17 · Continuidade do treinamento, integração das práticas e orientações para a jornada de autodedicação.

